



## CULTURA E ARTE EM MOVIMENTO

Para a dançarina e pesquisadora, as danças populares enredam a festa, o brincar e a capacidade humana de criar vínculos em comunidade – RAPHAELA DE CAMPOS MELLO

A PANELA BATE em outra no escorredor e produz um som ritmado. A folha do mato gruda na roupa e vira figurino. A todo instante, a dançarina e pesquisadora das danças tradicionais brasileiras Maria Eugenia Tita esbarra nos encantamentos do cotidiano e com eles faz arte. Filha dos artistas Antonio Nóbrega e Rosane Almeida, fundadores do Instituto Brincante, dedicado à difusão das manifestações culturais tradicionais do país, ela começou a dançar aos 7 anos, e aos 9 estreou tocando violino, dançando frevo e fazendo um boizinho. Em 2019, circulou de carro, sozinha, por várias cidades do Brasil apresentando o projeto Planta do Pé na Estrada. Mas, durante a passagem pela Paraíba, precisou puxar o breque. A pandemia estourou e a obrigou a fazer morada no sertão. Graças a uma residência artística, Tita está passando uma temporada na Fazenda Tamanduá, em Patos, pionei-

ra na agricultura biodinâmica. Em contrapartida, oferece atividades culturais aos moradores do local. Ela, que também é formada em História e está criando um curso online de dança, não para de pesquisar, descobrir e inventar jeitos de nos aproximar das riquezas culturais e humanas que encontra pelas veredas do nosso Brasil.

### EM QUE MOMENTO VOCÊ SENTIU QUE SEU CAMINHO SERIA A DANÇA?

Com 9 anos eu comecei a participar dos espetáculos dos meus pais. Adorava viajar e aprender essas danças, só não gostava de voltar para ir à escola porque ela era um mundo desconexo do que eu vivia. Quando concluí o ensino médio, pude preencher minha rotina fazendo aulas e ensaiando. Entendi que seria por ali minha atuação profissional.

### COMO SEU OLHAR PARA A CULTURA POPULAR SE TRANSFORMOU AO

### LONGO DO TEMPO?

Quando criança, acompanhando meus pais naquelas festas, embora eu brincasse junto dançando e me divertindo, eu tinha uma postura mais passiva, gostava de observar. Sou de natureza mais tímida e introspectiva. Hoje ainda carrego esse temperamento, mas minha forma de olhar e me comunicar artisticamente se transformou, pois são fruto do meu amadurecimento pessoal, de pesquisas, experiências e conversas. Minha busca sempre está em como posso chamar a atenção para essas riquezas artísticas que tive o privilégio de conhecer.

### O BRINCAR ESTÁ PRESENTE NAS DANÇAS E FESTAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS. O QUE ISSO REVELA?

Uma coisa que só entendi mesmo agora, morando na Paraíba, é a dimensão da palavra “brincar” aqui no Nordeste, sobretudo nas áreas afastadas dos centros urbanos. É

---

"Manter a brincadeira no espaço cotidiano significa zelar por valores como coletividade e escuta; é manter um espaço dedicado a ressignificar adversidades"

algo que pertence ao mundo adulto de forma natural, uma prática em que o riso, as regras, o respeito e a diversão confluem. As festas tradicionais, assim como um jogo na quadra com os amigos, as gincanas juninas, não contêm brincadeiras, mas são em si a própria realização delas. Isso para mim ensina a viver e olhar as coisas de uma maneira muito particular. Manter a brincadeira no espaço cotidiano significa zelar por valores como coletividade e escuta; é manter um espaço dedicado a ressignificar adversidades. Hoje carecemos desse tempo dedicado ao aprimoramento da nossa saúde física e mental.

#### **O QUE ESSE PATRIMÔNIO REVELA SOBRE AS LUZES E AS SOMBRAS DA HISTÓRIA DO BRASIL?**

Eu vejo toda nossa história em um treino de caboclinho ou em uma sambada de maracatu rural. Vejo nossas mazelas e aptidões impres-

sas simultaneamente. Talvez a maneira de pensar sobre essas luzes e sombras seja, antes de tudo, levantando perguntas: por que não se tem aula de caboclinho nas academias fitness? Por que não sabemos precisar as origens de um tambor de crioula? São questionamentos que poderiam revelar nossas luzes.

#### **QUAL A IMPORTÂNCIA DA DANÇA COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA PARA O EU E PARA A NOSSA CULTURA?**

Atualmente, nas sociedades ocidentais, há uma primazia pela comunicação verbal que é eficiente, em certa medida. Eu vejo a dança como uma comunicação que preza pelo simbólico. Acho que, tanto socialmente como individualmente, teríamos muito a ganhar se passássemos a reconhecer a importância dessa via de comunicação que é um dos grandes legados das culturas indígenas e centro-africanas. São formas que alimentam uma escuta

por uma via conectada a sensações, emoções e instintos. Nem melhor nem pior, apenas outra forma válida de tradução do mundo.

#### **COMO VOCÊ SENTE A REPERCUSSÃO DA SUA ARTE NAS PESSOAS QUE TE ASSISTEM DANÇAR?**

Com a experiência de viajar pelo Brasil, ouvi em todos os estados pessoas dizendo que, embora não conhecessem as danças, se sentiam pertencentes àquele universo. A meu ver, isso reforça a ideia de um passado comum que impera em nosso inconsciente coletivo. Também mostrei meu trabalho em escola de dança renomada na Inglaterra e em escola pública na periferia de Salvador e o sentimento é o mesmo: as pessoas riem, se emocionam. Seja no contexto que for, somos seres que criam vínculos. A palavra brincar vem do latim de *vinculum*. É isso o que me alimenta, é uma troca de acolhimento, sempre.